

**GENOCÍDIO
COMUNISTA
NO
CAMBOJA**

FINALIDADE DESTA OBRA

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

E-MAIL: teologovaldemir@hotmail.com

Whatsapp: 13 996220766

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543 Escriba de Cristo, 1969 –
Genocídio Comunista no Camboja
Praia Grande/SP, Amazon.com
Clubedesautores.com.br, 2020, 104 p. ; 21 cm*

ISBN: 9798692739315 Edição 1°

1. Camboja 2. Genocídio

3. Política 4. Comunismo 5. História

CDD 950

CDU / 93 / 950

CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL

-CNPJ 66.504.093/0001-08

INTRODUÇÃO

Este meu tratado sobre a história do Genocídio Comunista no Camboja é uma análise do texto de Stéphane Courtois e outros tendo como base O Livro Negro do Comunismo. As histórias que serão relatadas aqui é de causar insônia, os fracos desistirão de ler. É o tipo de livro que você termina de ler e coloca a cabeça no travesseiro e a primeira coisa que a mente começa a processar é: Como o ser humano foi capaz de fazer isto com o seu semelhante. Uma das coisas mais certa é o ditado que diz: “Quer conhecer um homem, dei-lhe poder.” O preguiçoso vagabundo, sustentado pelos pais, do ditador Pol Pot revelou toda a crueldade e maldade da sua natureza quando ele tomou o poder no Camboja e de 1975 a 1979 ele chegou a dizimar parte da sua própria nação. Só os burros ou cegos espiritualmente é que não conseguem enxergar que o comunismo socialista é uma das piores desgraças que adveio a humanidade. Um conceito de Estado paternalista que provêm tudo para o cidadão é um perigo absurdo e sempre terminará com a supressão das liberdades, você não será mais ninguém, porque só o coletivo importa. Os pais deveriam ensinar aos seus filhos, os professores deveriam ensinar aos seus alunos e as igrejas aos seus fiéis o quão perigoso é a promessa diabólica de um Estado paternalista que vai te dar as coisas. Ele te incluirá em vários programas sociais, mas você venderá sua alma ao Diabo e perderá sua liberdade. Prestem atenção e aprendamos com a história do Camboja.

Camboja: no país do crime desconcertante

"Devemos dar a história do Partido uma imagem pura e perfeita." Pol Potl

De Mao Zedong a Pol Pot, a filiação é óbvia. Mas aqui tocamos no primeiro desses paradoxos que tornam tão delicada de analisar, e mais ainda de compreender, essa revolução khmer vermelha em forma de turbilhão fúnebre: o tirano cambojano, na sua pouco contestável mediocridade, é apenas uma pálida cópia do caprichoso e culto autocrata de Pequim, capaz em todo o caso de fundar no país mais povoado do planeta, e sem uma ajuda exterior decisiva, um regime cuja viabilidade ainda não está esgotada. São, pelo contrário, a Revolução Cultural e o Grande Salto que podem passar por provas medíocres, por esboços preparatórios daquilo que ficará talvez como a tentativa de transformação social mais radical de todos os tempos: aplicar o comunismo integral imediatamente, sem esse longo período de transição que parecia fazer parte dos fundamentos da ortodoxia marxista-leninista. E abolir a moeda, completar a coletivização integral em menos de dois anos, suprimir as diferenças sociais pelo aniquilamento do conjunto das camadas proprietárias, intelectuais e comerciantes, resolver o antagonismo milenar entre campos e cidades pela supressão, em apenas uma semana, destas últimas. Só era preciso querer, com muita força, e o paraíso descia sobre a Terra: Pol Pot acreditou sem dúvida que se elevava assim ainda mais alto do que os seus gloriosos antepassados - Marx, Lenin, Stalin, Mao Zedong

— e que a revolução do século XXI falaria khmer, tal como a do século XX havia falado russo e depois chinês.



A marca que os Khmers Vermelhos deixarão na História é, porém, inteiramente feita de sangue. Basta ler a abundante bibliografia suscitada por essa experiência-limite: quer se trate dos testemunhos dos evadidos ou das análises dos investigadores, só se fala praticamente de repressão. A única questão válida parece ser: como, por que semelhante horror? Nesse sentido, sim, o comunismo cambojano ultrapassa todos os outros, e difere deles. Conforme se insista num ou noutro desses termos, considerar-se-á que constitui um caso extremo, marginal, aberrante - e a brevidade do exercício do poder (três anos e oito meses) aponta nesse sentido -, ou então que representa a caricatura, grotesca mas reveladora, de alguns traços fundamentais do fenômeno comunista. O debate não está encerrado, não só porque os dirigentes

khmers vermelhos são avaros de palavras e de escritos (e por isso os conhecemos mal), mas também porque os arquivos dos seus sucessivos mentores— vietnamitas e chineses - permanecem inacessíveis.

O dossiê é, no entanto, abundante: comunismo tardio, o Camboja foi também o primeiro país a dissociar-se do sistema comunista (1979), pelo menos na sua forma radical. E a estranha "democracia popular", que lhe sucedeu, durante a década da ocupação militar vietnamita, encontrou o seu fundamento ideológico quase único (o socialismo estava demasiadamente desconsiderado pelo traumatismo anterior) na condenação da "quadrilha genocida Pol Pot-Ieng Sary". As vítimas (em parte refugiadas no estrangeiro) eram encorajadas a falar (e o fazem facilmente, por pouco que lhes é solicitado), e os investigadores, em certa medida, a trabalhar. A instauração de um regime político pluralista[^] sob a égide da ONU, a partir de 1992, seguido da concessão de importantes fundos de pesquisa pelo Congresso dos Estados Unidos em benefício do Programa do Genocídio Cambojano, coordenado pela Universidade de Yale, facilita as condições materiais; pelo contrário, a vontade de "reconciliação" entre cambojanos, que chegou à reintegração dos últimos Khmers Vermelhos no jogo político, tende a suscitar uma inquietante amnésia na elite do país, no seio da qual se falou insistentemente do fechamento do Museu do Genocídio (ex-prisão central) e no enterro dos ossuários exumados.

Sabemos, pois, aproximadamente o que os cambojanos viveram entre 1975 e 1979, embora haja ainda muito que fazer ao nível da quantificação, das

variações locais, da cronologia exata e das modalidades de tomada de decisão no interior do Partido Comunista do Kampuchea (PCK). Sabemos o bastante, de todo o modo, para justificar plenamente os precoces gritos de alerta de um François Ponchaud, que, como os de Simon Leys antes dele, incomodaram tão fortemente o conformismo intelectual da esquerda, que durante algum tempo as pessoas se recusaram a escutá-los.

Gradualmente reconhecidas como verídicas, em parte graças aos comunistas vietnamitas, as "amargas narrativas" do terror khmer vermelho desempenharam um papel não negligenciável na crise do comunismo e do marxismo ocidentais. Tal como esses judeus que mobilizaram as suas últimas forças para que o mundo soubesse o que tinha sido a Shoah, testemunhar constituiu o objetivo máximo e a grande motivação de alguns cambojanos que, desafiando tudo, conseguiram fugir: a sua tenacidade havia finalmente dado resultado. É a humanidade inteira que deve hoje continuar esse trabalho, o de um Pin Yathay, por exemplo, que vagou um mês pela selva, sozinho, esfomeado, "para testemunhar o genocídio cambojano, para descrever o que tínhamos sofrido, para contar como se programara friamente a morte de vários milhões de homens, de velhos, de mulheres e de crianças... Como o país fora arrasado, e atirado de volta para a era pré-histórica, e os seus habitantes torturados... Eu queria viver para suplicar ao mundo que ajudasse os sobreviventes a escapar ao extermínio total."

A espiral do horror

Apesar do seu nacionalismo desconfiado, os cambojanos lúcidos reconhecem que o país foi fundamentalmente vítima de si mesmo: desse pequeno grupo de idealistas que viraram carrascos, e de uma elite tragicamente incapaz. Mas esse tipo de coquetel não é assim tão invulgar, tanto na Ásia quanto em outros lugares, e só raramente conduz a revoluções. É aqui que a conjugação de uma situação geográfica (a longa fronteira com o Vietnã e o Laos) e uma conjuntura histórica (a guerra do Vietnã, em plena escalada a partir de 1964) exerce a sua força indubitavelmente decisiva.

Uma guerra civil (1970-1975)



O reino khmer, protetorado francês desde 1863, tinha mais ou menos conseguido escapar à guerra da Indochina (1946-1954). No momento em que as guerrilhas ligadas ao Vierminh começavam a desenvolver-se, em 1953, o rei Sihanuk soube lançar-se numa pacífica "cruzada para a independência" - facilitada

pelas suas boas relações com Paris -, a qual, coroada de sucesso, puxava o tapete dos seus adversários de esquerda. Todavia, diante do confronto entre os comunistas vietnamitas e os Estados Unidos, o sutil jogo de equilíbrio que tentou, a fim de preservar a neutralidade cambojana, valeu-lhe gradualmente a desconfiança de todos no exterior, e uma crescente incompreensão no interior.

Em março de 1970, a derrubada do príncipe pelo seu próprio governo e pela Assembleia, com a bênção da CIA (mas, ao que parece, não organizada por ela), só iria precipitar o país inteiro na guerra na medida em que foi acompanhada por terríveis fogroms contra a minoria vietnamita (perto de 450.000 pessoas, dois terços das quais conseguem chegar ao Vietnã do Sul), pelo incêndio das embaixadas comunistas vietnamitas e, finalmente, pelo ultimato (perfeitamente vão) que ordenava às "tropas estrangeiras" que elas deixassem o país. Hanói, que subitamente se viu sem outro trunfo no Camboja, exceto os Khmers Vermelhos, decidiu apoiá-los a fundo (armas, conselheiros, formação militar no Vietnã) e, nesse meio tempo, ocupar a maior parte do país em nome deles, ou melhor, em nome de Sihanuk, furioso com a humilhação sofrida ao ponto de associar-se aos seus piores inimigos da véspera comunistas locais —, que se apressaram a estender-lhe o tapete vermelho, aconselhados por Pequim e Hanói, mas sem lhe concederem a menor parcela de controle real sobre a resistência interna. Comunistas formalmente "monarquistas" bateram-se, pois, contra a bastante formal República Khmer. Esta última, em posição de inferioridade militar face aos norte-

vietnamitas, e incapaz de capitalizar em seu benefício a grande impopularidade de Sihanuk nas camadas urbanas, médias e intelectuais, teve rapidamente de apelar à ajuda americana (bombardeios, armamento, conselheiros) e de aceitar uma vã intervenção dos soldados da infantaria sul-vietnamita.

Depois do desastre da operação Chenla-II, que, no início de 1972, viu as melhores tropas republicanas dizimadas, a guerra não foi mais do que uma longa agonia, com o cerco apertando constantemente em torno das principais zonas urbanas, abastecidas e ligadas umas às outras cada vez mais exclusivamente por via aérea. Mas esse combate de retaguarda foi, no entanto, destrutivo, mortífero e sobretudo desestabilizador para uma população que, ao contrário da vietnamita, nunca conhecera algo comparável. Os bombardeiros americanos, principalmente, despejaram 540.000 toneladas de explosivos sobre as zonas de combate, metade das quais no decorrer dos seis meses anteriores à proibição dos bombardeios pelo Congresso (agosto de 1973). Eles conseguiram atrasar o avanço dos Khmers Vermelhos, mas asseguraram-lhes um forte recrutamento rural provocado pelo ódio aos Estados Unidos, desestabilizaram um pouco mais a república através do afluxo de refugiados às cidades (sem dúvida um terço dos oito milhões de cambojanos), permitiram mais tarde a sua evacuação quando da vitória dos Khmers Vermelhos e, finalmente, possibilitaram essa mentira grosseira, argumento recorrente da propaganda dos comunistas: "Vencemos a maior potência mundial, portanto venceremos qualquer resistência, da natureza, dos vietnamitas, etc."

A conquista de Phnom Penh, em 17 de abril de 1975, e das últimas cidades republicanas, foi, assim, recebida naquela ocasião pelos próprios vencidos com um alívio quase generalizado: nada, acreditava-se, podia ser pior do que aquela guerra cruel e inútil. E contudo... Os Khmers Vermelhos não tinham esperado pela vitória para mostrarem a sua aptidão desconcertante para a violência e para as medidas mais extremas. À medida que a "libertação" progredia, o país cobriu-se de "Centros de Reeducação", cada vez menos diferentes dos "Centros de Detenção", reservados em princípio aos "criminosos" mais empedernidos. Esses centros foram sem dúvida inicialmente constituídos segundo o modelo dos campos de prisioneiros do Vietminh dos anos 50, sendo também reservados essencialmente aos prisioneiros do exército Lon Nol. Não se punha a questão de se aplicarem as Convenções de Genebra, uma vez que os republicanos eram "traidores" antes de serem combatentes. No entanto, no Vietnã, não houve matanças deliberadas de detidos, franceses ou mesmo dos povos nativos. No Camboja, pelo contrário, o regime mais severo tendeu a generalizar-se, e parece ter sido decidido desde o início que a sorte mais natural para qualquer detido era a morte. Um grande campo, onde estavam encarcerados mais de mil detidos, foi estudado por Henri Locard;¹ fundado em 1971 ou 1972, eram para lá atirados não só os soldados inimigos, mas igualmente as respectivas famílias (verdadeiras ou supostas), incluindo crianças, e ainda monges budistas, viajantes "suspeitos", etc. Os maus-tratos, um regime de fome e as doenças liquidaram rapidamente a maioria dos detidos e a totalidade das

crianças. As execuções eram igualmente numerosas: até 30 por noite.



Outras fontes sugerem o massacre de uma dezena de milhares de pessoas durante a tomada da antiga capital real, Udong, em 1974. E as deportações em massa de civis começaram em 1973: cerca de 40 mil foram transferidos da província de Takéo para as zonas fronteiriças do Vietnã - muitos fugiram para Phnom Penh; na ocasião da tentativa abortada de tomada da cidade de Kompong Cham, milhares de cidadãos foram obrigados a seguir os Khmers Vermelhos na sua retirada; Kratié, a primeira cidade relativamente importante a ser conquistada, foi inteiramente esvaziada da sua população. O ano de 1973 assinalou também um momento decisivo na emancipação relativamente ao Vietnã do Norte: irritado pela recusa do PCK em aderir ao processo da partida negociada dos americanos (acordos de Paris, janeiro de 1973), a ajuda vietnamita sofreu uma importante redução. Os seus meios de pressão

decreceram proporcionalmente, e a equipe de Pol Pot aproveitou para começar a eliminar fisicamente os sobreviventes dos "Khmers Vietminhs" que haviam regressado ao Camboja, antigos resistentes antifranceses (cerca de um milhar) que tinham partido para Hanói depois dos acordos de Genebra (1954). Pela sua experiência, pelos laços que mantinham com o PC vietnamita, eles representavam uma alternativa aos dirigentes em função, e se haviam aproximado do comunismo, principalmente, depois da guerra da Indochina e/ou enquanto estudavam na França; muitas vezes, eles haviam iniciado a sua vida militante no Partido Comunista Francês. A partir desse momento, reescrevendo a história, impõem o dogma de um PCK fundado em 1960, e não, como realmente aconteceu, em 1951, a partir do Partido Comunista Indochinês (PCI), iniciado por Ho Chi Minh e centrado no Vietnã. Tratava-se de retirar dos "51" – que passaram a ser perseguidos a partir de então — toda e qualquer legitimidade histórica e criar artificialmente uma solução de continuidade com o Partido Comunista Vietnamita (PCV). Como medida de precaução, os poucos sihanukistas dispersos na guerrilha foram igualmente liquidados. Os primeiros choques sérios entre tropas vietnamitas e Khmers Vermelhos parecem também datar de 1973.

Deportações e segmentação da população (1975-1979)

O esvaziamento integral de Phnom Penh, logo depois da vitória, foi, contudo, um choque tão inesperado para os habitantes da cidade como para a opinião mundial, a qual percebeu pela primeira vez que se desenrolavam no Camboja acontecimentos excepcionais, mesmo que os cidadãos de Phnom Penh estivessem tentados a acreditar nos pretextos adiantados pelos novos senhores: proteger a população de eventuais bombardeios americanos e assegurar o seu abastecimento. A evacuação das cidades, que ficará talvez como a "assinatura" do regime na história, foi espetacular, mas, ao que parece, não excessivamente onerosa em vidas: tratava-se de populações que se encontravam de boa saúde e bem alimentadas, que puderam levar algumas reservas (e meios de troca, começando pelo ouro, jóias... e os dólares). A população não sofreu naquela ocasião brutalidades sistemáticas, embora não tenham faltado os recalcitrantes mortos "para servir de exemplo", nem a execução dos soldados derrotados. Os deportados não são em geral despojados dos seus haveres, nem sequer revistados. As vítimas diretas e indiretas da evacuação — feridos ou operados expulsos dos hospitais, velhos ou doentes isolados; igualmente, numerosos suicidas, por vezes famílias inteiras... — foram talvez cerca de dez mil, em dois a três milhões de habitantes da capital, e algumas centenas de milhares no que respeita às outras cidades (de 46% a 54% da população total teriam sido jogados nas estradas!). É o traumatismo que fica, indelével, na memória dos sobreviventes. Eles tiveram de deixar as suas casas e os seus bens em menos de 24 horas, embora um pouco tranquilizados pela mentira piedosa de

que "é apenas por três dias", mas estonteados por um turbilhão humano onde era fácil perder-se, por vezes definitivamente, os parentes. Soldados inflexíveis (yotkea), que nunca sorriam, os arrastavam: de fato, a região de destino dependia do bairro de partida — infelicidade para as famílias divididas nesse momento. Foram aterrorizados com cenas de morte e de desespero, e não receberam em geral a menor ajuda (alimentos, cuidados...) dos Khmers Vermelhos durante um lento êxodo, que para alguns durou semanas.

Essa primeira deportação correspondeu também à primeira triagem dos ex-urbanos, feita nos cruzamentos de estradas. Ela era rudimentar e geralmente declarativa: inexplicavelmente, pelo menos numa perspectiva de controle policial, os Khmers Vermelhos haviam ordenado a destruição de todos os documentos de identificação; isso permitiu a inúmeros antigos funcionários ou militares forjarem uma personalidade nova e, com alguma sorte, sobreviverem. Sob o pretexto de poder servir ao novo regime na capital, ou de ir acolher condignamente Sihanuk, chefe de Estado nominal até 1976, procurava-se selecionar o maior número de funcionários de grau médio ou superior, e sobretudo de oficiais do exército. A maioria foi imediatamente liquidada, ou pereceu pouco depois na prisão.

Gerir inteiramente os enormes fluxos de cidadãos estava ainda fora do alcance do fraco aparelho khmer vermelho, geralmente estimado, em 1975, em cerca de 120.000 militantes e simpatizantes (na sua maioria muito recentes), metade dos quais combatentes. Deixou-se portanto os evacuados instalarem-se onde queriam (ou podiam), com a condição de obterem a concordância do

chefe do povoado. O Camboja não é nem muito grande nem muito densamente povoado, e quase todos os cidadãos urbanos tinham família próxima no campo: um grande número pôde juntar-se a eles, o que melhorou as suas possibilidades de sobrevivência, pelo menos enquanto não fossem deportados de novo (ver mais adiante). Globalmente, as coisas não foram demasiado difíceis: alguns habitantes dos povoados chegaram a abater uma vaca em homenagem aos evacuados, ajudando-os muitas vezes a se instalarem. Mais geralmente, até o momento da queda do regime, os testemunhos falam pelo menos tanto de relações de entre-ajuda, ou de troca, quanto de hostilidade — sobretudo de início; poucos maus-tratos físicos, e aparentemente nenhum assassinato espontâneo. As relações parecem ter sido particularmente amigáveis com os Khmers Loeu (minoridade étnica das regiões remotas). O fato de esses últimos, junto dos quais os Khmers Vermelhos constituíram as suas primeiras bases, terem sido especialmente favorecidos pelo regime, pelo menos até 1977, permite concluir que as tensões muitas vezes crescentes em outras partes do país entre os recém-chegados e os camponeses provinham da extrema penúria geral, em que uma boca a mais podia significar uma dura fome: esse tipo de situação jamais contribuiu para o altruísmo...

A afluência dos citadinos perturbava a vida rural e o equilíbrio entre recursos e consumo: nas férteis planícies de arrozais da região 5 (Noroeste), aos 170.000 habitantes de origem juntavam-se 210.000 recém-chegados! Além disso, o PCK fez de tudo para aumentar o abismo entre o Pracheachon Chah - antigo povo, ou

povo de base, por vezes designado como "70", porque estiveram de um modo geral sob o domínio dos Khmers Vermelhos desde o princípio da guerra - e o Pracheachon Thmei - novo povo, ou "75", ou ainda "17 de abril". Ele estimulou o "ódio de classe" dos "proletários patriotas" contra os "capitalistas-lacaio dos imperialistas". Estabeleceu um direito diferenciado; ou, mais precisamente, apenas os Antigos, uma pequena quantidade da população, tinham alguns direitos, em especial, no princípio, o de cultivar uma parcela privada, e o de comerem na cantina obrigatória antes dos outros, e um pouco melhor; acidentalmente, por vezes, tinham também o direito de participar das "eleições" de candidato único. O apanheidvi& completo - em princípio não tinham o direito de se falarem, e de qualquer modo nunca o de se casarem — , e até no próprio habitat: cada grupo tinha sua residência fixada em um bairro do povoado.

Assim, as clivagens multiplicavam-se no interior de cada um dos dois grandes grupos da população. Do lado dos Antigos, tudo se fez para opor os "camponeses pobres" aos "latifundiários", aos "camponeses ricos" e aos ex-comerciantes (rapidamente a coletivização passou a ser total). Entre os Novos, os não-funcionários e os não escolarizados foram separados ao máximo dos antigos servidores do Estado e dos intelectuais. O destino dessas duas últimas categorias foi geralmente infeliz: pouco a pouco, e descendo cada vez mais abaixo na hierarquia, elas foram "expurgadas", muitas vezes até ao seu completo desaparecimento, incluindo com muita frequência, a partir de 1978, mulheres e crianças.

No entanto, não bastava aos dirigentes do PCK terem ruralizado a quase-totalidade da população

cambojana: poucos meses depois de se instalarem, uma grande parte dos Novos foi forçada a dirigir-se para novos locais de deportação, dessa vez sem a mínima chance de protesto: assim, só no decurso do mês de setembro de 1975, várias centenas de milhares de pessoas deixaram as zonas do Leste e do Sudoeste em direção ao Noroeste. Não são raros os casos de três ou quatro deportações sucessivas, sem contar com as "brigadas de trabalho" que arrastam, por vezes durante meses consecutivos, jovens e adultos sem filhos de tenra idade para longe do povoado que lhes estava designado. A intenção do regime era quádrupla: impedir qualquer laço duradouro - politicamente ameaçador – entre Novos e Antigos, e mesmo entre os próprios Novos; "proletarizar" continuamente estes últimos, impedindo-os de levarem os seus magros bens e de terem tempo para colher o que haviam semeado; estabelecer um controle completo sobre os fluxos de população, permitindo o lançamento de grandes frentes de trabalho e a valorização agrícola das montanhas e matagais subpovoados da periferia do país; finalmente, sem dúvida, eliminar um máximo de "bocas inúteis", de tal forma as novas evacuações (por vezes a pé, quando muito em carroça ou em trens repletos de vagões bastante lentos, pelos quais se chegava a esperar uma semana) foram terríveis para indivíduos que se tornaram subnutridos, que viam suas reservas de medicamentos se esgotarem.

As transferências "voluntárias" eram um caso um pouco especial. Frequentemente, é proposto aos Novos que "regressem ao seu povoado natal", ou que vão trabalhar para uma cooperativa menos dura, menos insalubre, com melhor alimentação. Invariavelmente, os